

## HIPÓTESE DE EXPLICAÇÃO DISCURSIVA PARA A MUDANÇA DE SIGNIFICADO E A FORMAÇÃO DE PALAVRAS\*

*Luiz Carlos Travaglia\*\**

### 1. INTRODUÇÃO

Dentro dos estudos lingüísticos, o estudo da palavra sempre mereceu uma atenção, se não especial pelo menos muito significativa. O aparecimento da palavra e os processos que o possibilitam, bem como suas alterações formais (vide todos os estudos da Gramática Histórica e Comparada) e de sentido (vide todos os estudos semânticos após a proposição dos mesmos por BRÉAL) sempre foram objeto de muitos estudos.

Os estudos do aparecimento das palavras levaram sempre à identificação dos elementos que a constituem e como se agregam, ou de como ela surgiu pela evolução de outra, conforme se vê nos estudos etimológicos e de evolução fonética. Já os estudos e explicações da mudança de sentido se ativeram quase só à descrição dos tipos de mudança e de como essa mudança se processa, e não chegaram a estruturar uma explicação de porque o sentido muda. Quando se buscou de algum modo esta explicação sempre surgiram colocações que tangenciam o sócio-histórico, mas que não foram devidamente elaboradas, porque o discurso lingüístico do tempo em que tais explicações foram propostas excluía, por considerá-la problemática, a inserção do sócio-histórico em explicações de fatos lingüísticos do modo como a teoria do discurso hoje propõe e permite. Evidentemente o social e o histórico sempre estiveram presentes nos comentários lingüísticos, mais como coadjuvantes das formas e funções lingüísticas do que como "determinantes" dessas formas e funções. A dimensão social da língua se restringia ao fato de ela ser usada pelos membros de uma sociedade para comunicarem-se uns com os outros e a dimensão histórica, ao fato de que a língua existia no tempo visto como sucessão cronológico-narrativa: no tempo a língua se forma, se transforma, desaparece, se torna outra ou é influenciada por outra, etc.

---

\* Agradeço aos Profs. Drs. Eduardo Roberto J. GUIMARÃES e Margarida BASÍLIO, seus comentários à primeira versão deste artigo.  
- Texto apresentado no IX Congresso Internacional da ALFAL em 09/08/1990.

\*\* Professor titular de Lingüística e Língua Portuguesa do Departamento de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Mestre em Letras pela PUC-RJ e Doutor em Ciências (Lingüística) pela UNICAMP.

Neste estudo buscamos estabelecer uma hipótese de explicação discursiva para os fatos lingüísticos da mudança de significado e da formação de palavras em que o sócio-histórico tem uma relação de interação com as formas lingüísticas e não uma relação de mão única e determinadora em qualquer um dos dois sentidos.

Antes de propormos a hipótese de explicação discursiva (que paremos, não anula o que anteriormente se fez, mas em realidade, complementa, deixando clara a natureza dos fatos e procedência das explicações formuladas), achamos conveniente lembrar em linhas mestras, através de breve exposição nos itens 2 e 3, o que se propôs, fora da concepção discursiva, sobre a mudança de significado e a formação de palavras.

## 2. A MUDANÇA DE SIGNIFICADO

### 2.1. A PROPOSTA DE BRÉAL

Quando BRÉAL faz suas colocações, no final do século XIX, os estudos lingüísticos eram dominados pela gramática histórica e comparada e pela concepção naturalista da língua como um organismo vivo. Ele se opõe ao pensamento dominante na época em alguns pontos fundamentais que expomos a seguir.

Para ele a gramática histórica e comparada é de caráter narrativo baseado na evolução da língua através do tempo: um fato lingüístico vem depois do outro (sucessividade). Bréal coloca que na história da língua nem sempre um elemento substitui outro, pois no campo dos sentidos pode haver casos em que um elemento X passa a conviver com outro elemento Y, o que definiu como a polissemia. Dessa forma ele instaurou a idéia de simultaneidade, destruindo a sucessividade pura no histórico da língua. Ora, a polissemia é um fato de significado e com isso Bréal coloca que o sentido é importante, o que vai ser fundamental para a instituição da lingüística do século XX. Para ele a história não vai ser só o relato, mas deve também ver o que se tem hoje e explicar como se tem, assim ele não quer mais saber o que veio antes dos estados atuais das línguas, mas quer descobrir o processo pelo qual se constrói, se faz a mudança. O histórico não vai se caracterizar mais só pelo temporal, mas por ser uma atividade, uma obra do homem. Assim BRÉAL

estabelece a semântica como a "ciência das significações" e das "leis que presidem à transformação dos sentidos."

Além dessa oposição ao evolucionismo naturalista através da reintrodução do sentido na simultaneidade contida na polissemia, BRÉAL diz que a linguagem não é regida por leis necessárias e cegas e coloca a questão do **hábito** que explicaria as regularidades da língua pela questão do interesse das massas. Assim as leis seriam regularidades, um caráter de generalidade e de constância que se observa nos fenômenos em função dos interesses das massas, pela necessidade e desejo de entender e ser entendido que leva à imitação, à analogia (entendida como a lei da linguagem que faz que as formas já criadas sirvam de modelo a formas novas)<sup>2</sup>. Ele deixa claro, ao fazer tais colocações, que a vontade humana que atua na língua é coletiva e não individual.

Ao buscar os processos pelos quais se faz a mudança, as "leis que presidem à transformação dos sentidos", BRÉAL - 1976 diz que há restrição, extensão ou alargamento e transferência de sentidos (o que representa a forma lógica da mudança de sentido segundo GUIRAUD - 1980:47) e os mecanismos ou tipos básicos da mudança de sentido seriam a sinédoque, a metonímia e a metáfora. Esses processos e tipos incluem fenômenos tais como nobilitação, degradação, concretização de sentido, etc. que são estudados não só por BRÉAL como por todos os estudiosos que passam a fazer semântica como o estudo das mudanças de sentido (vide 2.3).

## 2.2. A GRAMÁTICA HISTÓRICA E A FILOLOGIA

Antes de apresentar um apanhado geral do que resultou da proposta de Bréal, é pertinente registrar as colocações da gramática histórica e comparada em relação à mudança de sentido.

O exame de obras de gramática histórica logo evidencia que a mudança de significado não foi sua preocupação fundamental. Seu interesse e trabalho maior se atém à evolução fonética das palavras através de leis fonéticas e dos

1. BRÉAL, M. "Les lois intellectuelles du langage, fragments de sémantique" in *Annuaire de l'association pour l'encouragement des études grecques en France, XVII* (1883) - referência apud GUIRAUD - 1980:10.

2. Vide BRÉAL - 1976: 315-331  
Essa concepção de leis linguísticas se aproxima muito da idéia de regularidade que adotamos para propor nossa hipótese neste ensaio e tomada a GUIMARÃES - 1987 e 1988.

processos delas resultantes, os chamados metaplasmos. Assim elencam-se formas e sua substituição por outras. O sentido só aparece como complemento no comentário etimológico para registrar a permanência ou alteração do significado (veja exemplos 1 e 2 adiante). Assim o que se fez foi quase só listar os significados em diferentes épocas sem explicar como nem porque ocorreu a mudança. Em obras contemporâneas ou posteriores a Bréal e Darmesteter às vezes encontramos referências aos estudos destes como fez Vasconcelos em 1960 na nota 3 da página 252 do exemplo transcrito em (2) abaixo.

(1)<sup>3</sup>

2. comparar,

*Lê-se num texto do séc. XIII: comparej ... u casal<sup>1</sup>, no sentido de "comprei". Comparar vem do latim comparare "adquirir", "comprar". Este verbo comparare tornou-se\* comperare em latim vulgar, talvez por influência de recuperare; e d'aí procede directamente não o port. moderno comprar, senão também o hesp. comprar, o prov. comprar, e o ital. comprare e comperare. O nosso arcaico comparar é certamente literário, pois que os escribas medievais empregavam com freqüência em documentos latinos comparare.*

1 Rev. Lusit., VIII, 191.

(2)<sup>4</sup>

5. fazenda.

*Dizen-mi as gentes por que non trobei  
à gran sazón, e marivilhan-s'en;  
mais non saben de mia fazenda ren<sup>3</sup>,*

*isto é, "Todas as pessoas me perguntam porque é que não faço versos há tanto tempo, e maravilham-se d'isso; mas é que não sabem nada das minhas circunstâncias". Assim fala o poeta Rodrig'Eannes Redondo (séc. XIII-XIV). A expressão saber da fazenda ocorre também no Cancioneiro de D.Dinis<sup>4</sup>. O sentido é, como disse, de "circunstâncias", ou de "situação", "estado", "condições", "negócios".*

3. VASCONCELOS - 1966:250.

4. VASCONCELOS - 1966:251, 252.

*Propriamente fazenda é o latim vulgar \*facenda, por facienda, "cousa que se há-de-fazer". D'aqui passou-se à ideia de "acção" "negócio" e às outras mencionadas acima, assim como à de "bens", concretizada em "propriedade rural", na linguagem estremenha: "faço aquela*

3 Cancioneiro da Ajuda, ed de Carolina Michaélis I, 360.

4 Na ed. de Lopes de Moura, pág. 160 (lede porém: E per quâto de ssa fazenda sey, que è como vem no Canc. da Vaticana, nº 183.

pág: 252

fazenda = *amanho ou cultivo aquele terreno*<sup>1</sup>. No alentejo fazenda significa "rebanho de gado macho"<sup>2</sup>.

*Se não fosse o empregar-se uma palavra em muitos sentidos, e pelo contrário houvesse necessidade de traduzir sempre cada idéia por sua palavra, a memória do homem mal poderia bastar para armazenar o vocabulário d'aí resultante. Recorre-se pois a translações<sup>3</sup>, no que coopera também a imaginação de quem fala. E essas translações variam com as localidades e os tempos, segundo o exemplo que fazenda nos deu.*

1 Acerca d'estas acepções vid.: Moraes, s.v.; Ad. Coelho, Questões da ling. port., I, 37; Rev. Lusit., IX, 23.

2 A Tradição, I, 100.

3 Cf. A. Darmesteter, La vie des mots, Paris, pág. 37-38.

É interessante observar que essa mesma atitude de registrar ou narrar as mudanças de sentido no tempo sem explicá-las aparece também em obras que colocam explicitamente o dinamismo do sentido das palavras da língua, que se alteraria sem cessar, filiando-se, assim, às propostas de Breál, Darmesteter e outros. Este é o caso, por exemplo, de D'ALBUQUERQUE - 1953 que sob títulos de capítulos tais como "vocábulos que se nobilitam e vocábulos que se degradam", "a analogia e a semântica", "a influência das línguas estrangeiras nas alterações semânticas", etc. dá exemplos de mudanças de significado sem grande preocupação explicativa além do que os títulos já

sugerem<sup>5</sup>. Veja os exemplos abaixo tirados desse autor no qual, com frequência, se nota uma preocupação etimológica.

- (3) PROXENETA, do grego *proxenetes*, através do latim *proxeneta*, significa o mediador entre os nativos e os estrangeiros (xeno). O vocábulo degradou-se e passou a significar o intermediário entre mulheres, sobretudo meretrizes, e homens.

(D'ALBUQUERQUE - 1953:120)

- (4) AULA - do grego *aule*, através do latim *aula*, significava *corte*, *palácio*. Depois passou a indicar a "sala onde se reúnem os escolares e acadêmicos para serem doutrinados" e mais tarde ampliou o sentido, fazendo exprimir também a *lição*, *preleção*, etc. Diz Pacheco da Silva Júnior, em "Noções de Semântica", pág. 42.

(D'ALBUQUERQUE - 1953:295)

- (5) SUCO - já teve a acepção de: notável, excelente, ótimo. Época houve em que *suco*, tanto era empregado para qualificar um espetáculo, como uma mulher, um livro ou uma refeição, etc. Em Rui Barbosa, assinalamos o vocábulo *suco*, com o sentido popular, no seguinte trecho: "o primeiro é o Sr. Antônio Azeredo, o suco do Senado" (Campanha Presidencial, pág. 164)

(D'ALBUQUERQUE - 1953:81)

Ao falar de arcaísmos e neologismos (vide COUTINHO - 1971: 210-220) a gramática histórica coloca causas, condições e fontes desses dois fatos muitas das quais aparecem no inventário de processos e causas da mudança de sentido levantados em 2.3 e outras representam aspectos constitutivos da explicação discursiva que propomos em 4 (como o desaparecimento das instituições, costumes e objetos, a linguagem técnica e a importação estrangeira, por exemplo). Assim temos: 1) **causas de arcaização**: a) desaparecimento das instituições, costumes e objetos; b) a sinonímia ou o neologismo; c) o eufemismo ou a degradação de sentido; d) sentido especial; e) a homonímia; 2) **condições para a existência de um neologismo**: a) devem "satisfazer uma

5. Como veremos adiante, algumas dessas causas propostas ou insinuadas nesses títulos têm muito a ver com o que propomos no item 4 em termos discursivos como é o caso do que D'ALBUQUERQUE - 1953 coloca no capítulo "O Cristianismo e os léxicos".

necessidade da língua, designando objetos, expressando idéias ou matizes duma idéia que careçam de palavra apropriada para serem significados". b) "não de observar-se na sua formação as leis morfológicas relativas à estrutura das palavras simples e primitivas e à construção das derivadas, compostas e justapostas; 3) **fontes de neologismo**: a) nomenclatura técnica, b) importação estrangeira, c) gíria ou d) os processos ordinários, utilizados pelo idioma na formação de vocábulos novos (derivação e composição).

### 2.3. OUTROS ESTUDOS

Os estudiosos que buscaram realizar estudos semânticos a partir de sua definição por BRÉAL acabaram criando um inventário de tipos de mudança de sentido, processos e causas que GUIRAUD-1980 resenhou muito bem<sup>6</sup>. GUIRAUD coloca que a Semântica não se restringe mais apenas ao estudo das mudanças de sentido, embora esta parte tenha seu interesse. Servir-nos-emos aqui do levantamento feito por GUIRAUD que buscamos reduzir às linhas básicas, para facilidade de referência.

Segundo GUIRAUD - 1980 as mudanças de sentido têm sido definidas e descritas desde a Antiguidade onde foram estudadas pela Retórica sob o título geral de "tropos" ou "figuras de palavras".

Foi por isto que os primeiros semanticistas (Darmesteter e Bréal) viram "na sinédoque, na metonímia e na metáfora os tipos de base das mudanças de sentidos". Eles agruparam os tropos em um quadro lógico segundo exista restrição ou extensão (sinédoque e elipse) ou transferência (metonímia, metáfora) de sentido, dando, assim, a forma lógica das mudanças de sentido.

A forma semântica das mudanças de sentido seria dada pela posterior incorporação à análise semântica de substratos psicológicos e sociológicos, evidenciando os caracteres básicos do processo semântico: a) bipolaridade do significante e do significado; b) natureza psico-associativa de suas relações, sob sua dupla forma: similaridade e continuidade. Contribuições diversas (Wundt, Schuchardt e Saussure)<sup>7</sup> permitiram chegar "a uma teoria das mutações de sentido baseada em critérios semiológicos". Para Saussure as

---

6. Vide capítulo II item III (A evolução semântica); capítulo III (As mudanças de sentido: duas formas) e capítulo IV (As mudanças de sentido: suas causas), além de algumas outras passagens.

7. Vide GUIRAUD - 1980:48, 49 e SAUSSURE - 1970:1ª parte - sobretudo cap. II e 3ª parte. Sobre o conceito de alteração vide SAUSSURE - 1970:89.

alterações no tempo não se constituem nem em mudanças fonéticas sofridas pelo significante, nem em transformações de sentido que afetam o conceito significado, mas representam sim "um deslocamento da relação entre o significante e o significado". A explicitação por Saussure da natureza dessa relação passa a ser considerada em todas as teorias sobre a mudança de sentido das quais GUIRAUD - 1980 apresenta as que considera mais completas e coerentes: a de STERN E ULLMANN.

STERN<sup>8</sup> divide as mudanças de sentido em externas e internas apresentando o seguinte quadro:

- a) **Mudanças externas** (têm a sua fonte em uma mudança do referente ou coisa denominada, sem mudança do nome): Substituição (objetiva, cognitiva, subjetiva)
  
- b) **Mudanças lingüísticas** (afetam diretamente a língua, constituem um efetivo deslocamento do nome ou do sentido no interior do sistema)<sup>9</sup>:
  - I. Deslocamento da relação verbal (do nome)
    1. Analogia (combinativa, correlativa, fonética)
    2. Encurtamento (truncamento, elipse)
  
  - II. Deslocamento da relação referencial (do sentido)
    1. Nomação (composição e derivação, transferência intencional, figuras).
    2. Transferência (não intencional).
  
  - III. Deslocamento da relação subjetiva entre a palavra e os locutores.
    1. Permuta
    2. Adequação

ULLMANN<sup>10</sup> também identifica mudanças de origem externa e extralingüística (que ele atribui ao conservantismo lingüístico) e lingüísticas, apresentando o seguinte esquema:

8. STERN, G. *Meaning and changes of meaning. With special reference to the english language.* Goteborg, 1931 - apud GUIRAUD - 1980, cap. III.

9. Isto é diferente do que propôs Saussure, embora diretamente relacionado.

10. ULLMANN, S. *The principles of semantics.* Glasgow, 1951 - apud GUIRAUD - 1980: cap. III.

a) Mudanças devidas ao **conservantismo lingüístico**

b) Mudanças devidas à **inovação lingüística**

I. Transferência do **nome**:

a) por **similaridade** entre os sentidos: substancial, sinestésica, afetiva (metáfora);

b) por **contigüidade** entre os sentidos: espacial, temporal, causal (sinédoque, metonímia).

II. Transferência do **sentido**:

a) por **similaridade** entre os nomes (contágio fonético, etimologia popular);

b) por **contigüidade** entre os nomes (elipse, contágio sintático).

III. Mudanças compostas (em que ocorrem mais de um dos processos acima).

Para GUIRAUD - 1980 a classificação de ULLMANN tem simplicidade e é capaz de integrar qualquer outro esquema.

Para todos os estudiosos a analogia tem um papel importante na constituição e evolução da língua, atuando em todos os tipos de mudança de sentido. Embora não seja um fato de evolução é um possante fator de evolução (vide SAUSSURE - 1970:196-201).

No cap. IV, GUIRAUD - 1980 considera que as causas da mudança de sentido são basicamente duas: a **nominação** e a **evolução de sentido**. Para ele, na **nominação** "o sentido muda porque se dá deliberadamente um nome a um conceito para fins cognitivos ou expressivos" e na **evolução de sentido** este "muda porque uma das associações é secundária (sentido contextual, valor expressivo, valor social)"<sup>11</sup>; ele desliza progressivamente sobre o sentido de base e o substitui. Na primeira a mudança é individual, consciente e

11. No cap. II, GUIRAUD - 1980 coloca que as palavras são um conjunto de associações de diferentes sentidos que ele resume no seguinte quadro

SEMÂNTICA	ESTILÍSTICA
Sentido de Base	Valor Expressivo
Sentido Contextual	Valor Sócio-Contextual

descontínua e na segunda a mudança é coletiva, inconsciente e progressiva. Não concordamos com essa colocação porque, embora a mudança possa ter uma instância individual, ela só ocorrerá, se ratificada pelo coletivo.

Dentro da nomenclatura são incluídas as seguintes causas:

1) A **“nomenclatura cognitiva”** quando uma coisa recebe um nome, seja porque ela ainda não o tem, seja porque o nome que ela tem assegura mal a sua função”. Uma das formas de nomenclatura é a mudança de sentido pela qual damos a algo um nome que já pertence a outra coisa com a qual a associamos por similaridade (metáforas: língua de sogra, braço de mar, etc.) ou por contigüidade (sinédoques e metonímias).

2) A **nomenclatura expressiva** “quando se cria um nome para designar a coisa do ponto de vista do que fala e exprime o valor afetivo, desiderativo, estético ou moral, que lhe é atribuído pelo locutor, seja em termos de valorização ou desvalorização (depreciação, crítica, sátira). É por isso, por exemplo, que se chamam as pessoas de “minha flor”, “minha gata”, “sua besta”, etc.

3) A **força emotiva subconsciente** que, por associar às palavras emoções, obsessões difusas e indeterminadas, etc. acaba por ser uma das principais fontes de mudanças de sentido segundo H. SPERBER<sup>12</sup> para o qual cada coletividade tem temas privilegiados “esferas de pensamento” que estão sempre presentes nos bastidores da consciência coletiva, matizando seus pensamentos.

4) **Tabus e eufemismos**. O **tabu** mais do que uma associação é a identificação do nome à coisa: o nome do diabo é o próprio diabo. Assim se estabelecem tabus que proíbem os nomes das coisas sagradas, perigosas, obscenas, etc. com base em formas pré-lógicas de pensamento seja em sociedades ditas primitivas ou não. Assim, usam-se outros nomes para a coisa, mudando-se o sentido destes. Diabo por exemplo é cão, canhoto, ele, etc.

O **eufemismo** baseia-se sempre num processo psico-associativo de uma natureza particular em que em vez de motivar uma associação, busca-se ao contrário, impedi-la por ser desagradável por alguma razão.

12. Vide GUIRAUD - 1980:65 e 93.

5) A **economia da palavra**, condicionada pelo princípio do menor esforço é uma outra fonte de mudanças de sentido, seja através da **elipse**, criando casos como os de "capital", "fritas"; seja pelo **truncamento** (como no caso de auto, cine, foto); seja pela **abreviação** (JK, BH, UDI = Uberlândia) ou pelas **siglas** (PMDB, UNICAMP).

6) A **clareza da comunicação**; os **conflitos homonímicos** que se caracterizam quando homônimos podem ser confundidos em um mesmo contexto. Neste caso a língua tende a substituir um dos antagonistas.

Dentro da **evolução do sentido** são incluídas as seguintes causas:

1) A **evolução do referente** em que a evolução das técnicas, das instituições e dos costumes realiza várias mudanças de sentido. Os deslocamentos de sentido resultantes daí podem ser de três tipos:

a) **mudança da natureza do referente**, como no caso de "fuzil" que não é mais uma arma de pedra e de "pena" que não é uma pena de pássaro;

b) **mudança do conhecimento que temos do referente**, como no caso de "átomo" que há muito já não é mais uma partícula indivisível;

c) **mudança de nossa atitude subjetiva em relação ao referente**<sup>13</sup> como acontece com freqüência com conceitos abstratos tais como "comunismo", "liberdade", etc.

2) **Obscurecimento da motivação etimológica**, tal como vimos nos exemplos (3) e (4).

3) A **estratificação social**. A língua, falada por diferentes grupos sociais, "apresenta características distintas, ligadas à cultura, aos modos de vida, e principalmente à atividade econômica e técnica de cada grupo". Palavras podem ter sentidos gerais comuns a toda coletividade e sentidos especiais próprios de certos grupos. Passando de um grupo a outro, o sentido

13. É importante lembrar que dentro da hipótese de explicação discursiva proposta no item 4 não se pode aceitar uma mudança "subjetiva" de atitude no sentido com que a utilizou GUIRAUD (uma mudança de um indivíduo). Isto porque, nesse caso, estaríamos reinstaurando a ilusão do sujeito de ser a fonte do sentido, quando a Análise do Discurso busca evidenciar que não é assim, uma vez que o sentido resulta da ação de fatores históricos, sociais e ideológicos em que o indivíduo está imerso. Portanto quando o sujeito muda de "atitude subjetiva", na verdade, ele funciona como um lugar social e não como um indivíduo.

das palavras normalmente se modifica de modo que esses "empréstimos sociais" constituem um princípio fundamental na mudança de sentido, segundo Meillet. À **generalização** que é um alargamento da esfera social, corresponde muitas vezes uma **extensão** do sentido, uma ampliação de sua área referencial, assim como a **especialização** acarreta a sua **restrição**.

4) O **contágio** que é o fenômeno pelo qual, "quando duas palavras ficam em contato podem reagir uma sobre a outra". O contágio pode ser:

a) **sintático**: quando duas palavras se encontram em certas construções. É o caso das palavras francesas "rien", "pas", "point" e "personne" que não sendo etimologicamente negativas, passaram a ser por virem sempre em correlação com "ne";

b) **fonético**: como nas corruptelas populares e trocadilhos;

c) **semântico**: quando coexistem palavras cujos sentidos podem ser confundidos. O bilingüismo favorece o contágio semântico sob a forma de calcos.

5) "A **etimologia popular**, ou falsa etimologia<sup>14</sup>, é uma forma de contágio conseqüente a uma confusão feita por pessoas pouco cultas, o que faz com que se atribua à palavra uma origem e uma formação fantasistas. Ela modifica fatalmente o seu valor, e acarreta, por vezes, uma verdadeira mudança de sentido". Os empréstimos e o bilingüismo favorecem interpretações: é o caso de "country dance" (dança camponesa) que pelo francês "contre-danse" torna-se "contradança" (que para o povo seria contra + dança: dança com alguém, sentido que prevalece em português popular, embora não registrado por FERREIRA - 1975).

GUIRAUD - 1980:76 apresenta ainda uma classificação das causas proposta por Meillet e aperfeiçoada por Nyrop. Segundo eles as causas seriam:

a) "**históricas** ou mudanças nas ciências, nas técnicas, nas instituições

---

14. Talvez seja interessante aqui observar como o lingüista tem o seu discurso submisso a determinado tipo de discurso imperante em sua época: aqui o discurso do lingüista está incorporado a um tipo de discurso que o leva a chamar o popular de falso. Como não se pode escapar a isto resta a nós lingüistas nos fazermos conscientes desse fato. A tentativa de estar consciente nesse aspecto é que motivou o parágrafo final de nossa conclusão.

e nos costumes, acarretando uma mudança de coisas sem mudança do nome”.

b) “**lingüísticas** ou mudanças devidas a causas fonéticas, morfológicas ou sintáticas: contágio, etimologia popular, conflitos homonímicos e elipse”;

c) “**sociais**: “empréstimos sociais” e deslocamentos da área social da palavra, especialização ou generalização, acarretando o deslocamento de sua área semântica (restrição ou extensão)”;

d) “**psicológicas**: procura da expressividade, tabus e eufemismos, força emotiva”.

GUIRAUD acrescenta a esse esquema a distinção entre causas **externas** e causas **internas**.

De capital importância para o que desejamos propor aqui são as colocações de GUIRAUD - 1980:78, onde ele diz que “na medida em que a relação significante seja puramente convencional, não pode haver leis semânticas, podendo existir no máximo regras semiológicas”. Para ele, embora a criação e a evolução da palavra sejam “determinadas” pela motivação etimológica e por causas identificáveis e definíveis (como as vistas anteriormente), tal *determinação* permanece livre e é impossível prever-se o nascimento ou destino de uma palavra, tão impossível quanto prever-se o nascimento ou o destino de um indivíduo. Pode-se no máximo constatar *tendências*, como se faz em sociologia”. Os fenômenos que as causas caracterizam “podem constituir uma explicação em cada caso particular, porque são realmente a causa do fenômeno, mas uma causa que nunca é necessária, não são leis, são antes *tendências estatísticas*”.

### 3. A FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Por formação de palavras queremos que se entenda o surgimento de novas palavras antes não existentes e em uso na língua. Naturalmente para que novas palavras se formem é preciso que a língua tenha processos de formação de palavras e elementos para constituir tais palavras novas.

Já vimos no item 2 que novas palavras podem surgir por necessidade de nomação, o que também foi colocado ao se tratar dos neologismos e as condições para seu surgimento.

Como observa BASÍLIO - 1987, "formação" pode ter um sentido passivo que se refere à maneira como as palavras estão constituídas e um sentido ativo que se refere ao processo de formar palavras.

Os estudos morfológicos da gramática tradicional e normativa e da teoria estruturalista se ativeram mais ao sentido passivo buscando dar conta apenas das formas já constituídas. A gramática tradicional identificou raízes, radicais, vogais temáticas, prefixos, sufixos, etc. tentando ainda dar conta do significado das palavras através de seus constituintes e as possibilidades de combinação destes. O estruturalismo introduziu a idéia de morfema (unidade significativa mínima numa língua) e a tarefa da análise morfológica é a identificação de morfemas e de suas possíveis combinações na formação de palavras. Raízes ou radicais (semantemas), afixos (prefixos, sufixos, desinências, vogais temáticas, etc.) são morfemas. Apesar da preocupação serem as formas já existentes na língua, ficava estabelecido, pelo menos implicitamente, que os processos de formação de palavras já utilizados poderiam ser de novo usados. Os processos normalmente arrolados são: derivação (prefixal, sufixal, parassintética, regressiva, imprópria) e composição (por justaposição e por aglutinação).

Dentro dos estudos morfológicos é preciso não esquecer a visão da gramática histórica que acompanhava no tempo as raízes e afixos buscando explicá-los etimologicamente dando sua evolução formal e de sentido. A visão diacrônica difere da sincrônica na medida que mostra, por exemplo, que um afixo pode tornar-se raiz<sup>15</sup>.

Com o advento da teoria gerativa transformacional que tomou a competência como objeto da análise e descrição lingüística, mudou-se a perspectiva do sentido passivo de "formação de palavras" para o sentido ativo. Isto foi feito com o estabelecimento da noção de competência lexical segundo a qual "a competência de um falante nativo no léxico de sua língua inclui: a) o conhecimento de uma lista de entradas lexicais; b) o conhecimento da estrutura interna dos itens lexicais; assim como relações entre os vários itens; c) o conhecimento subjacente à capacidade de formar entradas lexicais gramaticais novas (e, naturalmente, rejeitar as agramaticais)" (BASÍLIO - 1980:8,9).

15. É o caso de "com-", prefixo latino que, na evolução de "comedere" do latim para "comer" no Português, passa a raiz da palavra portuguesa tornando-se produtiva como tal: comestível, comedor, etc. Este exemplo foi extraído de:  
CÂMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis, Vozes, 1970.



goiabada  
marmelada  
galinhada  
macarronada  
(?) abacatada  
\* pedrada  
\* criançada

c) Encontrou a criançada  
meninada  
mulherada  
indiaiaba  
\* abacatada

(9) Como explicar a formação e a não-formação de palavras no grupo abaixo relacionado, em que deveria operar igualmente a R.F.P. especificada em (6)?

- |                          |                                |   |
|--------------------------|--------------------------------|---|
| a) Engraçado (A)         | * Engraçadez <sup>20</sup> (A) | X é engraçado (A)   |
| b) Graça (subst.) (A, B) | * Graceza <sup>21</sup>        | X tem graça (B)<br>X (pessoa) não tem graça<br>(A+B)<br>X (coisa) não tem graça (B) |
| c) Sem graça (A,B)       | Sem graceza (A)                | X é sem graça (A,B)<br>A sem graceza de X (A) <sup>22</sup>                         |
| d) Gracioso (B)          | Graciosidade                   | X é gracioso (B)<br>A graciosidade de X (B)   |

Aqui há um jogo entre dois sentidos de graça que indicamos acima entre parênteses:

A) aquilo que faz rir

20. Aqui propusemos uma forma. Pode-se considerar as demais formas possíveis pela R.F.P. de (6): engracidade (engraçadidade), engracidão (engraçadidão), engracadia, engraçadície, engraçadice, engracititude, engraçadismo, engraçadeza, engraçadura. Observe-se que algumas parecerão mais prováveis do que outras.

21. Aqui a regra não se aplica porque graça é substantivo.

22. Margarida BASÍLIO lembrou-nos a existência da forma "sem-gracice". Tanto esta forma quanto "sem graceza" parecem ter uso corrente apenas na linguagem coloquial.

B) beleza, elegância ou atrativo de forma, de aspecto, de composição, de expressão, de gestos ou movimentos.

Problemas como esses e muitos outros levaram os proponentes dessas teorias a criarem mecanismos que os explicassem de alguma forma. Assim BASÍLIO-1987:6 e 7 lembra que problemas como o de (7) podem ser explicados como uma questão de uso: não aceitamos \*convencioso e \*religional porque eles são bloqueados por convencional e religioso bastante conhecidos, tanto que aceitamos "atencioso" e "pretencioso" derivados de palavras terminadas em "ção". Aqui entraria a idéia de bloqueio proposta por ARONOFF - 1976. HALLE - 1973 tentou resolver problemas como os de (8) propondo "um *filtro* cuja função é a de dar a esses itens todos os traços idiossincráticos que se encontram no conjunto real de palavras da língua"<sup>23</sup>. Contudo, não diz o que este filtro é, como é constituído e por isso é uma proposta vazia. Além do bloqueio, ARONOFF - 1976 propõe que as R.F.Ps. estariam sujeitas a restrições morfológicas e à coerência (transparência) semântica, isto é, uma R.F.P. será tanto mais produtiva quanto mais previsível for o significado das palavras que ela forma. Em nosso estudo da produtividade da R.F.P. de (6) (Vide TRAVAGLIA-1979), encontramos algumas restrições morfológicas à operação dessa regra. Entre elas a "restrição relativa à categoria da base" em que a R.F.P. não atuaria se a base pudesse pertencer a duas classes. No caso de adjetivos em -ADO a maioria é correspondente a um particípio verbal e os que não são, constituem a minoria e a regra funciona nos mesmos padrões. Isto explicaria a não formação de \*engraçadez, mas ainda fica o problema de explicar porque, apesar de restrição se formam os substantivos de (10) em que as bases são todas de caráter também verbal.

(10)	polido/polidez	ousado/ousadia
	coberto/cobertura	imerso/imersão
	honrado/honradez	oculto/ocultismo.

É bom observar que em (10) nem sempre o substantivo expressa "qualidade de X"(X=adjetivo base) como na quase totalidade dos casos de substantivos formados pela R.F.P. de (6).

Em TRAVAGLIA-1979 encontramos restrições não só morfológicas e de bloqueio, como proposto por ARONOFF-1976, mas também restrições fonológicas, semânticas e mesmo não lingüísticas tais como: a) utilização

23. Apud BASÍLIO - 1980:10.

apenas coloquial da base; b) medo do erro e do ridículo; c) possibilidade e/ou necessidade de analisar a condição intrínseca (a qualidade de x) de algo ou alguém.

Seja qual for a restrição sempre há casos em que ela é inoperante. Além disso, restrições como as não lingüísticas vistas acima sugerem que a questão da formação de palavras obedece a algo mais do que simplesmente fatores estritamente lingüísticos. O próprio bloqueio que parece ser um fato apenas lingüístico traz em si traços do uso social da língua. De qualquer modo todos os mecanismos propostos estão longe de resolver totalmente a questão da produtividade lexical que ARONOFF-1976 chamou em seu cap. 3 de "um dos mistérios centrais da morfologia derivacional e é a raiz do fato de que, embora muitas coisas sejam possíveis em morfologia, algumas são mais possíveis do que outras". Cremos que a hipótese explicativa que levantamos no item 4 ajuda esclarecer esse mistério lançando algumas luzes sobre o mesmo, assim como o faz com a questão da mudança de sentido das palavras.

#### **4. HIPÓTESE DE EXPLICAÇÃO DISCURSIVA**

##### **4.1. A HIPÓTESE**

Nesta seção queremos propor que a mudança de sentido das palavras e a questão da produtividade lexical são regidas pela dimensão discursiva, pelo discurso.

Todos os tipos e causas de mudança de sentido arrolados no item 2 seriam subsidiários ou decorrentes da constituição do discurso, da formação discursiva em que as palavras se inserem e de modificações nestas formações ou transposição das palavras de uma formação discursiva para outra, de um campo enunciativo para outro. Assim a mudança de sentido será explicada pelo trânsito das palavras entre as formações discursivas, de uma formação discursiva para outra diferente, que pode lhe ser posterior (também anterior?) no tempo ou simultânea dentro da mesma sociedade ou em sociedades diferentes.

O mistério da produtividade lexical será explicado pelas regularidades discursivas e pela ordem do discurso que regulam não só o que pode ser dito, mas principalmente o que não pode ser dito, o que pode e o que não pode ser dito em um campo enunciativo, em um domínio associado de enunciados. As

restrições lingüísticas de caráter fonológico, morfológico, sintático e semântico a que nos referimos acima nada mais são do que "cristalizações" lingüísticas reveladoras do que está determinado sócio-historicamente no discurso.

Sabemos que o lingüístico representa uma espécie de base formada pelo que já se "cristalizou" no discurso e que é constantemente repostado neste como processo, dinamicamente. A língua seria a condição de possibilidade (a condição de base) do discurso. O discursivo e o lingüístico têm uma relação dialética, um não é predominante sobre o outro. Um não determina o outro, mas cada um constitui o outro num processo dinâmico<sup>24</sup>.

FOUCAULT - 1986 no cap. 2 (A função enunciativa) da parte III (O enunciado e o arquivo) faz uma colocação fundamental para o que propomos aqui. Para ele embora normalmente se diga que é o formal que determina e explica algo que existe, em realidade não é isso que acontece. Não são as frases e sua estrutura, as proposições, as regras de formação, etc. que definem o que seja o enunciado, mas o contrário: é o modo de existência do enunciado no discurso que faz com que regras de formação, frases, palavras, etc. sejam como são, ou seja, é o modo de existência do enunciado que determina a forma e não o contrário.

Antes de passarmos a alguns casos evidenciadores dessa hipótese, gostaríamos de registrar aqui, de forma rápida e sumária, um quadro teórico que facilite referências e deixe claro o lugar teórico de que fazemos nossa proposta.

#### 4.2. QUADRO TEÓRICO

Creemos que a proposição da hipótese já apontou o quadro teórico de referência em que ela se encaixa. Esse quadro teórico está esboçado sobretudo em FOUCAULT - 1971 e 1986, GUIMARÃES - 1987 E 1988, ORLANDI - 1987, PÊCHEUX - 1969 e MAINGUENEAU - 1976 e nas obras a que remetemos. Aí pode-se encontrar uma apresentação mais extensa, detalhada e profunda daquilo que registramos aqui como um extrato para facilidade de exposição e entendimento da hipótese.

---

24. Foi para essa dinamicidade de dupla mão que quisemos alertar ao colocar entre aspas "cristalizações" e "cristalizou", pois o uso destes termos pode sugerir uma estaticidade inexistente em regularidades lingüístico-discursivas.

A teoria do discurso é a teoria da determinação histórica dos processos semânticos, dos processos de significação. O social e o histórico é a presença da exterioridade no texto. O discurso é uma prática, evidentemente regulada como qualquer outra; é a ação pela linguagem, onde se articulam o social e o histórico como elementos constitutivos da linguagem e que são por ela constituídos numa interação. Para Maingueneau o discurso é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórico permite definir como espaço de regularidades enunciativas. Para Pêcheux a teoria do discurso de funda como uma "análise não subjetiva dos efeitos de sentido" contra a ilusão que tem o sujeito "de estar na (de ser a) fonte do sentido". Para FOUCAULT-1986:124, o discurso é um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação. A formação discursiva é para ele o princípio de dispersão e repartição dos enunciados e não das formulações, frases e proposições. A formação discursiva é fundamental para o estabelecimento do sentido e voltaremos a este ponto mais adiante. FOUCAULT - 1986:98, 99 define o enunciado como uma função de existência dos signos, "a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita)". Ele é "uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos no tempo e no espaço". O enunciado é uma unidade discursiva que se produz na enunciação e pela enunciação. "A enunciação é o acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado" (GUIMARÃES - 1988). Produção aqui não no sentido da fala, mas no sentido de produção que se realiza dentro de certas condições de produção; um processo social e histórico. O enunciado só pode existir em relação com outros (não se concebe o enunciado único) e é nessa relação que se estabelece o seu sentido, o(s) seu(s) efeito(s) de sentido. E quando "se puder descrever, entre um certo número de enunciados um<sup>25</sup> sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações) diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*<sup>26</sup> ..... "Chamaremos de *regras de formação* as condições a que estão submetidos os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas

25. No texto de FOUCAULT aparece "semelhante" e não "um" remetendo ao que ele acabara de colocar. Aqui colocamos "um" para melhor encaixe em nosso texto.

26. FOUCAULT - 1986 define as "formações discursivas" em detalhes nos 07 (sete) capítulos da parte II: "As regularidades discursivas".

temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva" (FOUCAULT - 1986:43-44)<sup>27</sup>. A formação discursiva é pois, de acordo com MAINGUENEAU e ORLANDI, um conjunto de regras históricas, anônimas, sempre determinadas no tempo e no espaço e que definiram ou definem (numa época, para um segmento social e numa área geográfica) as condições de exercício da função enunciativa.

As regularidades lingüístico-discursivas aparecem nas chamadas formações discursivas. As **regularidades**<sup>28</sup> são, pois, relações entre elementos lingüísticos discursivamente constituídos. A regularidade lingüística é uma "cristalização" de um processo discursivo caracterizado por sua exposição ao acontecimento da enunciação tal como definida acima. Essa cristalização, como já lembramos na nota 19, é um produto que não se separa do processo porque se torna condição dele: é um processo que produz produtos para o processo. A cristalização é um produto que pode se modificar no processo. Portanto a regularidade é resultante do processo sócio-histórico das condições de produção<sup>29</sup>, mas também faz parte dessas condições. Como instrumento de explicação teórica, a regularidade atua mais como constituidora de impedimentos e não como estabelecadora de obrigações resultantes de uma estrutura ou de regras (vide GUIMARÃES - 1987:29). Isto parece ter uma relação direta com a idéia de rarefação de FOUCAULT.

Nessa perspectiva a **língua** será definida como um conjunto de regularidades que se constróem no processo enunciativo<sup>28</sup>. O que define as formas lingüísticas é o estabelecimento sócio-histórico das possibilidades de uso discursivo dos elementos da língua, daí esta não ser uma estrutura, mas um conjunto (ou antes uma dispersão) de regularidades discursivas.

Finalizando gostaríamos de lembrar que a formação discursiva estabelece o conjunto de enunciados interrelacionados que constitui o domínio associado de cada um desses enunciados. Se a relação entre os enunciados é que dá o sentido e ela é determinada pela formação discursiva, fica claro que o sentido, os efeitos do sentido obtidos são produtos da formação discursiva.

---

27. Como se pode notar, isto é fundamental para a questão do aparecimento e desaparecimento de palavras e para mudança de seu sentido.

28. Vide GUIMARÃES - 1987:cap. 1 e GUIMARÃES - 1988.

29. Normalmente se incluem, nas condições de produção, o sujeito e a situação.

A relação entre o lingüístico e o discursivo é sempre permeada pelas condições de produção e o sentido das formas lingüísticas (incluindo a palavra que nos interessa em particular neste estudo) vai ser diferente dependendo da ordem de discurso em que elas se inscrevem. Assim o uso das formas lingüísticas é sempre tenso por causa da tensão constante do sentido em função das formações discursivas. Assim, para a Análise do Discurso, os sentidos podem ser infinitos, mas na prática não são, porque são limitados pelas formações discursivas, pelos usos histórica, social e ideologicamente estabelecidos. A institucionalização do sentido se faz também por leituras (leitores) competentes, isto é, pessoas ou órgãos ou lugares institucionais dentro da sociedade que são tomados em dada situação como autoridades que podem dizer qual é o sentido válido ou aceitável.

#### 4.3. EXPLICAÇÃO DISCURSIVA DA MUDANÇA DE SIGNIFICADO E DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS - EVIDÊNCIAS.

Nesta seção buscaremos não só apresentar alguns casos que evidenciam a validade da explicação discursiva para a mudança de significado e para a questão da produtividade lexical e o "mistério" do seu funcionamento, mas também mostrar que as explicações dadas para estes fatos e arroladas nos itens 2 e 3 são subsumidas pela explicação discursiva que propomos aqui. Além disso esta explicação discursiva é capaz de explicar casos que não são abrangidos pelas demais explicações.

##### 4.3.1. MUDANÇA DE SIGNIFICADO

###### 4.3.1.1. AS CAUSAS DE MUDANÇA DE SIGNIFICADO COMO MUDANÇAS DE OU NA FORMAÇÃO DISCURSIVA.

Para facilitar as considerações que fazemos neste item vamos utilizar as causas<sup>30</sup> de mudanças de significado inventariadas por GUIRAUD - 1980 e sumariadas em 2. Todavia é preciso lembrar que sob a proposta discursiva tais causas sofrem um redimensionamento: têm de ser vistas como regularidades discursivamente estabelecidas, o que implica acertos teóricos em algumas delas como o que explicitamos na nota 13. Ao falar da classificação dos fatores causadores de mudança de sentido, GUIRAUD - 1980 os classifica

30. Não se deve aqui tomar o termo causa em seu sentido determinístico de causa e efeito, mas apenas no sentido de fatores e processos cujo funcionamento como regularidades discursivas resultam em mudanças de sentido.

em causas históricas, lingüísticas, sociais, psicológicas. Pela nossa proposição eles têm um caráter discursivo e portanto sócio-histórico.

Para GUIRAUD - 1980 as duas causas de mudança de sentido seriam a nomenclatura e a evolução de sentido.

A "nomenclatura, cognitiva ou expressiva", ocasiona mudança de sentido quando se dá a uma coisa um nome que já pertencia a outra. Assim deu-se o nome de "folha" a um "pedaço de papel" por similaridade de forma e chamou-se uma mulher expressivamente de "gata" porque efetivamente se viu nela qualidades similares tais como "beleza", "charme", "carinho", etc. Mudou o sentido por nomenclatura mas o que aconteceu em verdade foi o deslocamento dos termos de uma formação discursiva para outra, onde eles adquiriram novos sentidos porque entraram num jogo de relações enunciativas diferentes: no caso de "folha" passou-se de uma formação que poderíamos dizer "relativa aos vegetais, suas partes, funções, qualidades, etc."<sup>31</sup> para uma formação relativa a "produtos manufaturados de um certo tipo" e aí o sentido mudou porque mudaram os elementos enunciativos com que se relaciona e já que é dessa relação dos enunciados que surge "o efeito de sentido". Esse é o mecanismo básico e explicativo que podemos identificar em todas as causas arroladas no item 2. Vejamos mais algumas a título de ilustração.

No caso da "força emotiva subconsciente", dos "tabus" e "eufemismos" o processo é o mesmo: por razões diferentes se faz nomenclaturas (quase sempre expressivas), deslocando as palavras de uma formação discursiva para outra. Assim temos: a) quando a emoção levou a chamar uma pessoa de "monstro", passou-se da formação discursiva sobre seres fantásticos em nossa cultura para a formação dos atributos humanos; b) quando um tabu levou a chamar o diabo de "cão" deslocou esta palavra de uma formação discursiva relativa a animais para uma de seres espirituais malévolos. Sobre o tabu do uso do nome "diabo" e outros tabus de origem religiosa vide VASCONCELOS-1966:369-371; c) quando se começou a dizer que "alguém nos deixou" em vez de dizer que "morreu" passou-se a primeira expressão de uma formação de ações normais e corriqueiras não temidas e não incompreendidas pelo homem para a formação relativa à morte, ao desaparecimento do ser humano tão incômoda para este, eliminando, pelo menos aparentemente, este incômodo.

31. Como vimos em FOUCAULT - 1986:43 as regularidades nas formações se estabelecem entre objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas.

Quando pela "economia da palavra" se passou a dizer "capital" por "cidade capital" e "itálicos" por "tipos gráficos itálicos" parece que mudamos da formação de conceitos de atributos para uma de conceitos de entidades.

O "conflito homonímico" leva ao desaparecimento de um termo porque ocorrem formulações em que o falante não sabe em qual formação inscrever a formulação e portanto a qual enunciado ligá-la e qual o efeito de sentido que se tem porque não se sabe que relações estabelecer (veja-se os exemplos dados por GUIRAUD-1980:69).

Vejamos agora as causas ligadas à evolução do sentido. Aqui temos a mudança de uma formação discursiva para outra, mas temos também a modificação da própria formação discursiva que neste caso (seja qual for a extensão da modificação) poderia ser encarada como uma nova formação e, portanto, outra por não ser mais exatamente o que era.

A mudança de sentido pela "evolução de referente" é um caso de modificação da formação discursiva. Se muda a natureza do referente, o conhecimento que temos dele ou nossa atitude subjetiva em relação a ele, essa mudança do real, do mundo, ao ser discursivizada alterará a formação que tínhamos anteriormente, mudando as relações entre seus enunciados e, portanto, os efeitos de sentido que se tinha anteriormente.

As mudanças de sentido devidas ao "obscurecimento da motivação etimológica" ao "contágio" e à "etimologia popular" são na verdade mudanças de uma formação discursiva para outra por razões diversas que podem ser: a) com o tempo esquece-se a formação em que originariamente a forma (palavra) se inscrevia (é o caso do obscurecimento, do contágio sintático); b) confusão entre formações devida à proximidade da materialidade física da formulação lingüística ou do sentido (é o caso de contágio fonético e semântico). Na história da língua, isto é comum entre parônimos, homônimos e palavras de línguas diferentes que coexistem num dado período numa sociedade (é o caso dos calcos favorecidos pelo bilingüismo); c) o desconhecimento ou conhecimento impreciso da formação em que a palavra se inscreve, fazendo com que ela seja inscrita numa formação que o usuário julga plausível (é o caso da etimologia popular). É por isto que este fenômeno é freqüente com termos técnicos e empréstimos a línguas estrangeiras em condições de pouco conhecimento da outra língua.

Um caso interessante que observamos na linguagem de camadas

sociais de baixa escolaridade e que pode levar por contágio fonético, a uma mudança de sentido ou não, uma vez que está em processo, é o uso da expressão "de tergal" por "integral" na formulação "leite de tergal" por "leite integral" em frases como: "o médico mandou dar leite de tergal pra ele".

Nas mudanças por "estratificação social" o que temos é sem dúvida passagem de uma formação discursiva para outra. Classes e grupos sociais distintos têm elementos de cultura, modos de vida, técnicas, etc. comuns e diferentes o que acaba por resultar em formações discursivas diferentes e a passagem de termos de um grupo social para o outro, muito freqüentemente ocasiona mudança de sentido por representar sua inscrição numa formação discursiva diferente. Este seria o caso, por exemplo, do sentido adquirido por "bomba" na formação discursiva relativa à escola que do uso na formação relativa a armas só teria mantido uma idéia de efeito negativo.

Evidentemente todas essas mudanças têm um caráter sócio-histórico e são um processo dinamicamente contínuo ou continuamente dinâmico onde a idéia de cristalização estática não existe. As causas arroladas por GUIRAUD - 1980 talvez representem regularidades como definimos acima e têm um caráter discursivo que não pode ser olvidado não representando regras ou leis obrigatórias de caráter determinístico. Esse fato já fora percebido e GUIRAUD - 1980:78 registrou-o enfaticamente falando em "determinação livre" e "tendências" (vide final do item 2). Fica pois definido o estatuto dessas "tendências": são regularidades discursivas. É preciso ainda lembrar que idéias como as de nomação parecem estabelecer uma prioridade ou antecedência entre conceito e significante que não se admite no discurso. Vimos que no discurso os dois se estabelecem conjuntamente.

#### 4.3.1.2. FORMAÇÃO DISCURSIVA E ESTABELECIMENTO, MUDANÇA OU PERMANÊNCIA DO SENTIDO.

Gostaríamos agora de dar um exemplo que ilustrasse como as formações discursivas são um princípio teórico de força explicativa para a questão do sentido: seu estabelecimento, mudança e permanência.

O advento do cristianismo<sup>32</sup> criou com seu surgimento e desenvolvimento aquilo que podemos chamar de um novo "universo discursivo", ou seja, um

32. Os exemplos que usamos aqui foram tomados a D'ALBUQUERQUER - 1953:93-98, onde foram arrolados dentro de uma outra perspectiva no capítulo intitulado: "O Cristianismo e os léxicos".

conjunto finito de formações discursivas que interagem numa conjuntura dada<sup>33</sup>.

As formações discursivas que compuseram este universo discursivo levaram à formação de um grande número de palavras para todos os objetos, conceitos, relações, etc. que surgiram com o acontecimento<sup>34</sup> sócio-histórico do cristianismo e também à mudança do sentido de um número muito grande de palavras do Latim e do Grego. Apresentamos aqui o caso de dois termos: **pagão e Igreja**, cujo percurso significativo pudemos reconstituir de forma mais ou menos precisa.

**Pagão.** Com informações apud D'ALBUQUERQUE 1953:94 - 95 e de FERREIRA - 1975: verbete "pagão" pudemos detectar três momentos na história significativa desta palavra:

a) **momento 1:** "paganus" é usada na linguagem militar romana significando "paisano", "civil", "o que não é soldado, militar", em oposição a "miles" = soldado;

b) **momento 2:** com o advento do cristianismo, "os primeiros cristãos consideravam-se soldados de Cristo, "militas Christi" e denominavam "paganus" os que não eram soldados de Cristo, os que não lutavam pelo Cristianismo;

c) **momento 3:** com o desenvolvimento do cristianismo e sua institucionalização, constituiu-se o batismo como sacramento que marca a introdução da pessoa na corporação de Cristo, na comunidade cristã. Aos poucos "pagão" passou a significar "o indivíduo não batizado" ou "que é adepto de qualquer religião que não adota o batismo" sem que as pessoas sequer se lembrem que o batismo representa a introdução do indivíduo na comunidade cristã (católica) de tal modo que nos últimos anos a Igreja Católica tem exigido que os pais e padrinhos façam um curso de batismo para aprenderem o significado deste sacramento na liturgia católica cristã.

33. MAINGUENEAU, Dominique. *Genèses du discours*. Bruxelas, Pierre Mardaga, 1984.

34. Usamos aqui o termo "acontecimento" para ressaltar a idéia de que o fato é durativo, se processa mais longamente e não instantaneamente. Além disso, o acontecimento é um acontecimento histórico no sentido de VEYNE - 1983, isto é, algo que acontece e provoca mudança, mudanças que ocorrem no mundo e que discursivizadas resultam em novas formações discursivas. Além disso, o uso de acontecimento lembra o conceito de enunciação como acontecimento sócio-histórico da produção do enunciado.

Como se pode perceber, as condições de produção duma formulação como "x é pagão" em cada um dos três momentos é diferente. Em cada um deles temos uma formação discursiva diferente, sócio-historicamente estabelecida, daí a mudança de significado.

**Igreja.** Aqui temos quatro momentos significativos, mas com a diferença de que, neste caso, houve, dentro da instituição da Igreja Católica a permanência dos sentidos instaurados nos momentos 2, 3 e 4.

a) **momento 1:** grego clássico, "ekklesia"<sup>35</sup> significava assembleia;

b) **momento 2:** no grego dos cristãos, "ecclesia" passou a indicar "assembleia de crentes", "reunião de fiéis".

c) **momento 3:** no século II d.c., "ecclesia" passou a indicar "local de reunião", provavelmente porque os cristãos passaram a construir e ter locais fixos de reunião<sup>36</sup>;

d) **momento 4:** com a institucionalização do Cristianismo e o surgimento da instituição da Igreja Católica, "igreja" passou a significar também "o catolicismo", "a instituição eclesiástica".

Como já dissemos, as formações discursivas dos momentos 2 a 4 foram mantidas pela instituição da Igreja Católica e, portanto, os sentidos a elas correspondentes, o que possibilita que hoje tenhamos formulações tais como:

a) Nós somos a **Igreja** de Cristo (= comunidade de fiéis, conjunto de fiéis ligados pela mesma fé e sujeitos aos mesmos chefes espirituais - momento 2).

b) Precisamos reformar a **Igreja** (= o templo, o prédio, o local de reunião - momento 3).

c) A **Igreja** não aceita coisas tais como o divórcio e o aborto. (= a igreja católica, o catolicismo, a autoridade eclesiástica - momento 4).

Este exemplo é interessante por evidenciar a força das instituições no

35. Veja a evolução fonética de ecclesia > igreja in VASCONCELOS - 1966:251.

36. Essa hipótese precisa ser confirmada através de registros da História do Cristianismo.

estabelecimento, alteração e conservação das formações discursivas dentro das quais as regularidades se estabelecem e os efeitos de sentido ocorrem<sup>37</sup>. A instituição da igreja manteve e mantém o sentido e às vezes até a forma de muitas palavras. É o caso de palavras como "padre" (= pai), no nome da oração "Padre Nosso e "madre" (= mãe) em expressões como "Santa Madre Igreja".

\*\*\*

O que apresentamos em 4.3.1.1. e 4.3.1.2. deixa evidenciado que quando uma palavra muda de significado, mudou a regularidade discursiva sócio-historicamente estabelecida que diz que aquela palavra com aquele sentido pode ou não aparecer: o sentido que não é mais usado não tem mais uma regularidade enunciativa que o sustente. Confirma-se, pois, a hipótese proposta em 4.1.

#### 4.3.2. FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Da mesma forma que as causas de mudança de sentido são subsumidas pela hipótese discursiva de explicação que estamos propondo, também o são as proposições que buscam explicar porque surgem novas palavras e o "mistério" da produtividade lexical.

Pela hipótese que estamos propondo, o aparecimento de novas palavras em uma língua está condicionada ao estabelecimento de novas formações discursivas e campos enunciativos e/ou à modificação destes de modo que se estabeleçam regularidades que permitam e determinem o aparecimento de novas palavras e também que palavras não poderão ser formuladas dentro deste novo campo enunciativo. Assim a operação das R.F.Ps., propostas pela gramática gerativa transformacional, que parece tão misteriosa e difícil de explicar, poderá ser explicada pelo que as regularidades discursivas permitem ou não formular dentro de uma formação discursiva.

Quando falamos de neologismos em 2.2. registramos que a gramática histórica, onde este assunto sempre foi tratado, coloca duas condições básicas para o aparecimento dos neologismos. A primeira delas (satisfazer uma necessidade da língua, designando objetos, expressando idéias ou matizes duma idéia que careçam de palavras para serem significados)

37. Esse fato já fora anotado mesmo fora da teoria do discurso: como, por exemplo, na seguinte observação de VASCONCELOS - 1986:181: "Certas instituições sociais de caráter mais ou menos estável fazem que as respectivas palavras se mantenham com tenacidade".

evidencia que palavras novas só serão formadas para atender necessidades criadas por novas formações discursivas ou por modificações nas já existentes. A segunda condição (observar na formação do neologismo as leis morfológicas relativas à estrutura das palavras simples e primitivas e à construção das derivadas, compostas e justapostas) deixa claro que o discurso exige que se obedeçam as regularidades lingüísticas que ele estabeleceu sócio-historicamente.

Quando olhamos para as fontes do neologismo que a gramática enumera, fica mais evidente que a formação de palavras está condicionada à criação ou introdução ou modificação de formações discursivas em uma sociedade no correr de sua história.

A primeira das fontes apontadas é a nomenclatura técnica. Sabemos que o desenvolvimento da ciência é sem dúvida um dos fatores sócio-históricos que, com freqüência, cria novos elementos que, discursivizados, resultam em novas formações discursivas e campos enunciativos ou levam à alteração das já existentes. D'ALBUQUERQUE - 1953:57<sup>38</sup>, por exemplo, lista um bom número de termos criados a partir da criação do rádio e do cinema que ao se institucionalizarem como indústria estabeleceram instrumentos e procedimentos, ações e relações que constituíram um novo espaço discursivo. Evidente que não só o desenvolvimento científico tem essa capacidade mas todos os aconteceres sócio-históricos tais como: movimentos artísticos, religiosos, políticos (vide exemplos das revoluções em D'ALBUQUERQUE - 1953:51-56), filosóficos, etc.

No que respeita a formações ligadas a evoluções tecnológicas é interessante lembrar aqui a formação ligada à área de computação que determinou e possibilitou a criação de termos (acessar, digitar, formatar, disquete), a mudança de sentido de outros (memória, banco de dados, salvar, programa) e a importação de outros a línguas estrangeiras (deletar, indentação, resetar) e que são utilizados em formulações antes não possíveis tais como:

(11) Para **acessar** a memória do computador você precisa usar a senha.

(12) Antes é preciso **formatar** o disquete.

---

38. D'ALBUQUERQUE - 1953:56, 57 lembra a seguinte colocação de VENDRYES: *Toute les fois qu'un progrès quelconque est réalisé dans l'industrie humaine, ce progrès se traduit par l'emploi d'instruments ou de procédés nouveaux, auxquels correspondent autant de création de nouveaux mots* ("Le Langage" p. 261).

- (13) João está **digitando** os dados.
- (14) Já **salvei** o texto digitado.
- (15) Este **programa** é para um **banco de dados**.
- (16) Não é isso. **Deleta**.
- (17) Vou colocar marcas de **indentação** no parágrafo.
- (18) Vou **resetar** a máquina.  
(resetar pronuncia-se com (s))

Neste caso, já temos exemplos da segunda fonte de neologismos a importação estrangeira. Isto é muito comum nos casos de tecnologia em que um país produz um avanço e estabelece uma formação discursiva que depois é praticamente transplantada para outra sociedade por um processo sócio-histórico que não importa aqui especificar. Essa transplantação, quase sempre com alterações na formação original (por fusão com outra da mesma natureza já existente ou acomodação a formações com que ela terá de se inter-relacionar no campo discursivo<sup>39</sup>). Este fenômeno não acontece apenas na área tecnológica, assim é que em nossa sociedade, a formação discursiva relativa à moda é quase toda importada dos franceses, e a formação relativa à música, dos italianos.

Na gíria, como fonte de neologismos, é mais freqüente a mudança de significado do que o aparecimento de novas palavras, embora isto possa ocorrer. Um exemplo seriam os termos "transa" e "transar"<sup>40</sup>.

Embora os estudos que aqui citamos apresentem estas condições, não estabeleceram as regularidades discursivas que as estabelecem e nem observaram que ao mesmo tempo que há a determinação do aparecimento de novas palavras, há o impedimento do surgimento de outras. No aparecimento de palavras novas, de neologismos, pelos processos de formação de palavras (derivação e composição), formalizados nas R.F.Ps. da gramática gerativa, a não consideração das regularidades tal como definidas em 4.2 é que gerou o chamado "mistério da produtividade lexical". É este ponto que consideramos a seguir.

Dizer que uma palavra não existe, quando é possível formá-la por uma

---

39. No sentido proposto por MAINGUENEAU in "Genèses du discours" (vide nota 33): campo discursivo: um conjunto de formações discursivas que estão em concorrência, que se interdelimitam.

40. Agradecemos a Margarida BASÍLIO a lembrança deste exemplo.

R.F.Ps. significa dizer que ela não é aceitável dentro de um certo limite<sup>41</sup>. Que limite é esse? É o estabelecido pela formação discursiva, pelo discurso. Quando uma palavra pode ser formada por uma R.F.P., mas não surge no uso é que a regularidade discursiva estabelecida por enunciados que integram determinada formação discursiva impede o aparecimento daquela forma (palavra). Buscamos exemplificar este fato comentando os problemas levantados (7), (8) e (9).

No caso de (7), verifica-se que o discurso criou uma regularidade lingüística que foi identificada pelos lingüistas pelo nome de "princípio da economia lingüística" pelo qual a língua busca obter o máximo de capacidade comunicativa com o mínimo de elementos. Dessa forma evita-se a constituição de duas formas para o mesmo fim. Quando isto ocorre há, normalmente, um dos seguintes fatos:

- a) um dos elementos desaparece, se arcaiza, cai em desuso;
- b) os elementos se diferenciam em algum nível: sintático, semântico, pragmático, da estrutura conversacional, em dialetos ou registros, etc. e, portanto, não têm, em verdade, o mesmo papel dentro da língua.

Uma evidência disso são os sinônimos que, dificilmente, são o que se chamaria de "sinônimos perfeitos". Cada um dos sinônimos serve sempre a um efeito de sentido distinto do outro de algum modo. É por isso que a teoria dos neologismos diz que eles surgem para exprimir idéias ou matizes de idéias. Tal regularidade do princípio de economia terá gerado o bloqueio à operação das R.F.Ps. proposto por ARONOFF e que impede o aparecimento de termos como \*convencioso, \*religional e muitos outros. O bloqueio seria portanto uma regularidade discursiva e como tal teria uma atuação relativizada não funcionando como regra.

Vejamos o caso de (8). No grupo (8a) a relação de sentido entre o radical e o sufixo é regida por enunciado(s) de um campo ou domínio associado, de uma formação discursiva, que permite formulações como:

- (19) Posso usar X como instrumento para atingir, ferir, atacar Y ou bater em Y, onde X necessariamente tem que ser algo concreto e deslocável.

---

41. Vide GUIMARÃES - 1987:16 - conceito de seqüência inaceitável.

Além das formulações impedidas quando X não atende as condições de concreto e deslocável, essa formação e seus enunciados impedem formulações como:

(20) Posso usar uma criança para atingir, ferir, atacar Y ou bater em Y.

Assim, as formulações com "criança", "casada" e "medada" são inaceitáveis porque não ser produzidas pela enunciação que produz o enunciado da formulação de (19). Todavia alguém pode imaginar situações em que alguém leve uma "criançada" (contrariando o discurso estabelecido) ou uma "casada" (se for uma casinha de brinquedo, por exemplo), mas dificilmente alguém imaginará uma situação em que se leve uma "medada".

No caso do grupo (8b) a relação do sentido entre radical e sufixo é regida pelos enunciados de uma formação discursiva que permite formulações como:

(21) Posso processar um ou vários X, transformando-o(s) em algo comestível.

(22) X é comestível por seres humanos.

mas não permite formulações como:

(23) Seres humanos comem **pedras (crianças)**.

É isto que faz com que "abacatada" pareça aceitável, apesar de não figurar no uso corrente, mas "pedrada" e "criançada" sejam inaceitáveis como nomes de comidas.

No grupo de (8c) a relação será regida por uma formação cujos enunciados permitem formulações que se referem a um conjunto de certos X (seres, coisas) com um caráter negativo pela quantidade exagerada e impede formulações do mesmo tipo com outros X. Aqui parece ser importante a idéia de campo discursivo (vide nota 39) porque a concorrência de formações discursivas é que leva por exemplo "abacatada" e "goiabada" para (8a,b) e "mesada" para (8a) e estabelece formas alternativas para (8c), possibilitando formulações como:

(24) Antônio levou uma **mesada** na briga no bar (8a).

- (25) a - O que faço com esse **mundo de mesa** que você trouxe? (8c)  
b - O que faço com essa **mesaiada** que você trouxe? (8c)
- (26) a - Antônio levou uma **abacatada (goiabada)** na cabeça (8a)  
b - Antônio fez uma **goiabada (abacatada)** deliciosa (8b)
- (27) a - O que faço com esse **mundo de goiaba** (abacate) que você trouxe? (8c)  
b - O que faço com essa **goiabaiada (abacataiada)** que você trouxe? (8c)

No caso de (9) encontramos a não formação de **engraçadez** que seria explicada por uma restrição morfológica. Acontece que estamos propondo que restrições de qualquer natureza (fonológica, morfológica, semântica, pragmática etc.) são regularidades, isto é, relações entre elementos lingüísticos discursivamente constituídas. Vejamos que regularidade é esta que representa uma restrição à operação de R.F.P. de (6) com adjetivos correspondentes a participípios verbais. Os adjetivos, como se sabe, indicam atributos (qualidades, modos de ser, estados, etc.). Os substantivos formados pela R.F.P. de (6), normalmente são substantivos usados em formulações em que se comenta algo a respeito da "qualidade de X" (onde X = adjetivo) que Y possui, como as formulações de (28).

- (28) a - A **meiguice** de Maria encanta a todos.  
b - A **versatilidade** desse material é incrível.  
c - A **morosidade** da justiça é que cria tais problemas.

Os enunciados da formação discursiva que permitem tais formulações impedem formulações semelhantes com vários tipos de atributos. Um desses tipos são os atributos que representam resultados de processos. Assim são impedidas formulações tais como as de (29).

- (29) a - A **\*caladez** de Antônio me incomoda.  
b - A **\*cozidez** da carne não está boa.

c - A **\*queimadez** do bolo foi culpa sua.

Como os adjetivos em - ADO que não são participios de verbos são a minoria, acabam sendo submetidos ao mesmo funcionamento discursivo e daí, com a quase totalidade desses adjetivos, a R.F.P. de (6) não funciona. Por isso "engraçadez" não se forma nem entra em uso apesar de potencialmente possível.

É interessante observar que, nas formas de (10), onde a R.F.P. de (6) opera apesar da restrição, os atributos expressos pelos adjetivos não são sentidos como resultados de algum processo e em metade dos casos os substantivos formados (cobertura, imersão, ocultismo) não expressam qualidade de "X" como observamos no item 3.

Em alguns casos para o comentário da "qualidade de X", o substantivo é formado pela R.F.P. a partir de adjetivos cognatos ou não ou da raiz erudita correspondente ao adjetivo de forma igual às dos participios verbais. É o caso de "sagrado", correspondente ao participio de "sagrar". Para se comentar o caráter de sagrado (= santo, puro, inviolável) usa-se "sacridade" ou "sacralidade" (formados pela R.F.P. de (6) a partir de "sacro")<sup>42</sup>. A discursividade, todavia, nos casos em que a regularidade estabelecida impede a operação da R.F.P. de (6), possibilita o comentário da "qualidade de X" que Y possui através de formulações tais como as de (30).

(30) a - **O fato de João ser engraçado** lhe conquista a simpatia de todos.

b - **O Antônio ser calado** me incomoda.

c - **O fato de o bolo estar queimado** é culpa sua.

Creemos que está estabelecido um mecanismo explicativo capaz de ajudar a resolver o "mistério" da produtividade lexical. A análise e o estabelecimento da discursividade, da regularidade discursiva em cada caso é uma longa tarefa subseqüente.

42. É interessante observar que estas duas palavras não estão registradas em FERREIRA - 1975.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar aqui o que deve ter ficado claro no correr deste estudo: a explicação discursiva dos fenômenos da mudança de sentido das palavras e da formação de novas palavras não invalida teorias e explicações anteriores, mas apenas as subsume evidenciando sua natureza última: são todas regularidades discursivamente estabelecidas. Além disso a explicação que aqui propomos é capaz de dar conta de fatos que escapavam ao poder explicativo daquelas que ela subsume, por ser de natureza hierarquicamente superior, se é que podemos falar assim.

Parece-nos pertinente registrar aqui uma dúvida para a qual talvez, se possa posteriormente encontrar resposta. A nosso ver, a explicação discursiva que aqui propomos não explica fatos estritamente formais como a evolução fonética das palavras e os truncamentos tipo "auto", "cine", "foto". Neste último caso é possível, talvez, lançar mão da regularidade da economia lingüística, mas isto é algo a comprovar. E finalmente, dúvida das dúvidas, hesitamos sobre colocar ou não as restrições fonológicas à operação das R.F.Ps. entre os fatos que não se explicam pela hipótese discursiva que propusemos aqui. Por enquanto optamos pela possibilidade do sim (as restrições fonológicas são explicáveis pela hipótese discursiva), mas, para nós, permanece a possibilidade forte do não.

A intenção que regeu o aparecimento deste estudo é, provavelmente, não uma intenção da vontade individual deste autor, mas apenas a explicitação que ele faz de uma possibilidade aberta pelo universo discursivo<sup>43</sup> da Lingüística atual.

Campinas, junho de 1988.

LUIZ CARLOS TRAVAGLIA

---

43. Vide o conceito de "universo discursivo" em 4.3.1.2. e nota 33.

## BIBLIOGRAFIA

- ARONOFF, Mark. *Word Formation in Generative Grammar*. Editor Samuel Jay Keyser. Linguistic Inquiry - Monograph one. Cambridge, Massachussets, MIT Press, 1976.
- BRÉAL, Michel. *Essai de sémantique*. Genève, Slatkine Reprints. 1976.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis, Vozes, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Teoria Lexical*. São Paulo, Ática, 1987.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica* (6ª edição). Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971 (Biblioteca Brasileira de Filologia, 4).
- D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *O nosso vocabulário*. (2ª edição muito ampliada). Rio de Janeiro, Gráfica Editora Aurora, 1953.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986.
- \_\_\_\_\_. *L'ordre du discours*. Paris, Gallimard, 1971.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa* (1ª edição). Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação: um estudo de conjunções do Português*. Campinas/SP, Pontes, 1987.
- GUIRAUD, Pierre. *A semântica*. São Paulo, DIFEL - Difusão Editorial S.A., 1980.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Curso LL 122 - Problemas de Semântica argumentativa*. IEL/UNICAMP, 1º semestre de 1988. Notas de aula do autor deste ensaio.
- HALLE, Morris. "Prolegomena to a theory of word formation" in *Linguistic Inquiry* 4, 1973:3-16.

JACKENDOFF, Ray. "Morphological and semantic regularities in the lexicon" in *Language* 51, 1975:639-671.

MAINGUENEAU, Dominique. *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours; problèmes et perspectives*. Paris, Hachette, 1976.

PÊCHEUX, M. *Analyse automatique du discours*. Paris, Dunod, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1970.

VASCONCELOS, Dr. J. Leite de. *Lições de filologia portuguesa*. (4ª edição), Rio de Janeiro, Livros de Portugal, 1966. 1ª edição: 1911 (Coleção Brasileira de Filologia Portuguesa).

VEYNE, Paul. *O inventário das diferenças: história e sociologia*. São Paulo, Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento; as formas do discurso*. Campinas/SP, Pontes, 1987.